

(DES)CAMINHOS DO ÉDIPO: ERRÂNCIAS ERÓTICAS, FARSAS PORNOGRÁFICAS

Silvio Tony Santos de Oliveira; Hermano de França Rodrigues

UFPB – Universidade Federal da Paraíba.

Desde o nascimento, o ser humano se confronta com o transbordamento libidinal que erotiza e fragmenta o seu corpo, revestindo o *soma* de significantes e fantasias. Essa arquitetura, característica dos primeiros tempos, jamais é abandonada por completo, dadas as moções pulsionais que, em certa medida, resiste às forças da Cultura. Em cada contexto histórico, o sexo e a sexualidade são regulados em nome de um ideal de sujeito e de civilização, de modo a represar o desejo, fazendo-o seguir por caminhos que não lhe são devidos. No Ocidente, por exemplo, deparamo-nos, ainda, com a prevalência de valores heteronormativos e patriarcais responsáveis por uma diáspora onde as plurimanifestações do sexual são recobertas pelo véu da patologia, do pecado e da imoralidade. O resultado é a promoção de uma erótica marcada pela degenerescência, cujos *praticantes* transformam-se, pois, em aberrações, anomalias e monstruosidades, catalogadas nos manuais médicos do século XIX como perversões. É a partir das contribuições de Sigmund Freud que tais arranjos perdem o *status* de doença e passam a compor os inúmeros cenários da subjetividade humana, a qual, cumpre dizer, encontra-se calcada na fantasmática do incesto (perversão originária). A psicanálise nos coloca, portanto, frente a uma origem que denuncia nossa comunhão com a devassidão de Eros. Essa pesquisa, alicerçada nas teorizações freudianas, busca desenvolver uma reflexão acerca do gozo sexual relativo à busca por imagens/textos que orquestram a prática do incesto. Para tanto, tomaremos como *corpus* a obra *The Sin's Son: Coming Soon*, gênero HQ, adaptação da série televisiva americana *Os Simpsons*. Entre alguns questionamentos que motivam esse estudo, destacamos: de que maneira o artefato em questão possibilita o acesso ao gozo? Como os resquícios da sexualidade infantil delineiam o percurso do sujeito em busca de uma satisfação rarefeita e incompleta? Que fantasias entram no jogo voyeurista desse sujeito/leitor?

Palavras-chave: Incesto, Psicanálise, HQ's, Perversão

1-Introdução:

A Psicanálise busca, através da investigação da subjetividade humana e nos escombros das lembranças do inconsciente, as origens dos fenômenos de manifestação da *psique*. Logo, o aforismo freudiano: o homem não é senhor de sua própria casa, acentua-se de forma contundente,

corroborando, assim, com o objeto de estudo e processos metodológicos psicanalíticos. Essa análise se alicerça em uma relação dialógica entre a ciência do inconsciente e um dos gêneros que mais causam polêmica entre os estudiosos quanto ao seu caráter híbrido textual: as HQ's, bandas desenhadas, como é conhecida em terras lusitanas ou *comics*, em inglês. Alguns pesquisadores das Letras, como Oliveira (2008), e historiadores, como Pereira (2009), remetem as HQ's às pinturas rupestres em cavernas feitas por civilizações antigas. Aquelas sendo uma manifestação moderna destas.

Por outro lado, o surgimento efetivo dos quadrinhos se consolidou junto com o surgimento da imprensa e a conseqüente comercialização de gêneros informativos como jornais e revistas durante a segunda metade do século XIX, em plena época vitoriana. Logo, tal gênero está ligado ao consumo da cultura de massa. De acordo com Pereira (2009), os textos que faziam uso de uma seqüência narrativa em quadrantes e balões tiveram no personagem *Yellow kid* (1895) seu pioneirismo.

Esta pesquisa desenvolve, sob o prisma da Psicanálise, uma análise da obra *The Sin's Son: Coming Soon*, HQ, adaptação erótica/pornográfica do seriado americano *The Simpsons*, (1989), *Os Simpsons*. No referido texto, constatamos a incidência de uma das práticas sexuais consideradas perversas na cultura ocidental: o incesto. O desejo sexual na relação consanguínea é identificado, na obra, através dos laços eróticos que culminam em efetiva prática sexual entre os personagens: Marge (mãe) e Barth (filho).

Nossa perspectiva de análise se desenvolverá a partir do estudo dos efeitos de gozo que a obra oferece ao leitor. Outros fatores que inspiram essa pesquisa são: as discussões acerca dos mecanismos psíquicos que estruturam o desejo incestuoso na subjetividade humana. Ainda especulamos uma determinada influência na escolha de personagens infantis ou ligados à infância do sujeito para a obtenção da efetivação do gozo incestuoso, e as motivações no campo sociocultural que levam os sujeitos a cultivarem o incesto como fetiche

Na próxima seção, iremos desenvolver algumas reflexões acerca do processo histórico científico do estudo das perversões no século XIX, e posteriormente propomos algumas discussões acerca das contribuições freudianas sobre o conceito de perversão e a influência do incesto na origem da teoria do desenvolvimento da sexualidade humana, proposta pela teoria psicanalítica.

2- A perversão e o percurso histórico: práticas sexuais à margem do aceitável.

A sexualidade possui, por característica intrínseca, o caráter de um polimorfismo quanto as suas possibilidades de vivência, embora suas práticas sejam cerceadas historicamente pelos valores morais e culturais em diversos contextos. A prática sexual, em nível de ocidente, apresenta suas manifestações delimitadas nas circunscrições prevalentes de uma sociedade hétero-normativa. Outras manifestações da sexualidade são consideradas, de forma pejorativa, aberrações, monstrosidades. Esses usados como sinônimos para a perversão.

De acordo com Roudinesco (1997), perversão vem do latim *pervertere* (*perverter*) que, normalmente no campo científico do século XIX, designaria todas as modalidades da sexualidade que não se enquadrassem dentro de um conceito de normalidade entre elas: zoofilia, necrofilia, homossexualismo¹, incesto entre outras. Atualmente, no campo psicanalítico, a perversão ao lado da neurose e da psicose representam uma tríade que englobam possibilidades de manifestações ou comportamentos da *psique* humana no âmbito social e que se originam no período edipiano.

Influenciado pelo darwinismo da segunda metade do século XIX, o campo científico considerava a perversão ligada a aspectos filogenéticos. A partir dos primeiros estudos freudianos a perversão perde seu estigma pejorativo e, definitivamente, entra no campo dos objetos científicos da psicanálise, embora o foco principal dos estudos de Freud, inicialmente, tenha sido suas enigmáticas históricas.

Levado a formular a *teoria da sedução*, em 1896, como origem dos fenômenos histéricos em suas pacientes, hipótese desfeita no ano seguinte, tendo sua inviabilidade comentada na carta 69 a seu amigo Fliss, o pai da psicanálise se defronta com o fenômeno da perversão. Iniciando assim seus estudos sobre esse fenômeno da sexualidade, substituindo o caráter filogenético pelo fator ontogénico e relacionando a forma como o indivíduo passa pelos complexos de Édipo e castração, Freud retira a perversão da esfera das patologias e passa a conceituar àquela no âmbito da generalidade.

De acordo com Vallas (1990), o pai da psicanálise destaca a relação próxima entre histeria e a perversão. Esta seria o resultado de uma ineficácia ou falha do processo de recalque sofrido pelo indivíduo, ao passo, que nas histéricas, esses aspectos ou pulsões libidinais teriam sofrido a eficácia do processo de recalque. “Não é de se admirar, portanto, que em seus *Estudos sobre*

¹ O campo científico do século XIX designava de homossexualismo as relações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo. Essa prática, nesse contexto, era considerada uma doença pela ciência e rotulada como uma perversão no sentido pejorativo do termo. Na segunda metade do século XX a *Associação Americana de Psiquiatria* retirou a homossexualidade de seu rol de doenças mentais. Já 1993, o termo foi retirado também da lista da *Classificação Internacional de Doenças* (a CID).

histeria ele oponha ainda, ao ‘cérebro anormal dos degenerados e desequilibrados’ o ‘cérebro sadio das históricas’” (VALLAS, 1990, pag.77) Desta forma, a bestialidade cede espaço para o inconsciente e a subjetividade humana.

McDougall (1983) corrobora com o pensamento freudiano ao considerar a perversão fora do campo das patologias. Entretanto, a referida autora não apenas faz esse processo de desmarginalização quanto à prática da perversão, mas também do seu praticante. De acordo com a autora neozelandesa, assim como os histéricos não escolhem seus sintomas psicossomáticos, o perverso não escolhe assim ser, nem tampouco sua forma de perversão. Assim, o elo entre os pressupostos iniciais de Freud e os posicionamentos teóricos de McDougall, sobre a perversão, estaria na aceitação de um sujeito vítima de uma fantasia que está na generalidade da nossa formação psicosssexual. É através da fantasia do incesto que nos constituímos. É pela maneira que vivenciamos o processo de Édipo e castração que adquirimos ou não o desejo do gozo através da perversão.

3-O desejo incestuoso: a mãe como fonte de prazer.

Sob uma perspectiva psicanalítica, a figura materna é o nosso primeiro amor erótico. Seu corpo não é apenas sinônimo de refúgio e abrigo, mas, também, de desejo. Logo, somos filhos do desejo incestuoso. Somos motivados por uma relação que envolve um véu de mistério e fantasia na qual a busca da identificação dos sujeitos se submetem a lei da linguagem, ou seja, à lei do falo.

Em seu texto “*Totem e Tabu*” (1913), Freud realiza de forma magnífica uma relação interdisciplinar entre Psicanálise e Antropologia. Nesse estudo, são relatados comportamentos sociais de algumas tribos primitivas para cercar as relações incestuosas entre seus membros naquele contexto histórico e cultural. Entre os aborígenes australianos, os laços consanguíneos são substituídos pela descendência totêmica², na qual os componentes de uma tribo regida por um determinado *totem* não podem manter relações sexuais entre si. Mesmo que não tenham aproximações parentais, seria a exogamia.

Se por um lado, podemos observar nessas tribos arcaicas ³o impedimento e o verdadeiro horror ao incesto com a finalidade da manutenção da ordem e valores sociais, em contra partida

² O presente termo se refere ao vocábulo Totem, que nomeia espécies de seres representados ou não em esculturas que simbolizam seres da natureza ou entidades místicas.

³ De acordo com Freud, p pressuposto teórico seria comprovar que, mesmo nas sociedades consideradas aculturais, existem estruturas de organização social que privilegiam a interdição da atividade incestuosa. Assim mesmo nas mais rudimentares sociedades o tripé edipiano se encontra presente.

podemos observar um processo semelhante de interdição na sexualidade infantil: o complexo de castração: primeiro a castração do corpo e posteriormente a do pênis. Em nome de nossa organização cultural, moral. Seria o que Lacan⁴ conceitua como a Lei do pai.

Contudo a prática do incesto, considerada perversão, caracteriza-se como uma das plasticidades que ofertam o gozo e, conseqüentemente, o prazer sexual em nossa sociedade, ainda que velada, necessariamente, para manutenção de nossa estrutura social e cerceamento da sexualidade. O desejo incestuoso na fase adulta também se caracteriza como resultado daquilo que Freud denominou desmentido da castração. Se por um lado, em sua infância, o sujeito é levado, pela mãe-fálica, a estímulos de suas zonas erógenas tendo como resultado o afloramento de suas pulsões parciais libidinais. Por outro, a fixação da existência dessa figura materna falicizada leva o sujeito a realizar recortes fetichizados, como diria Lacan sobre o desejo masculino em relação ao corpo da mulher. O corpo materno falicizado é o sintoma do fetiche na perversão do incesto. O adulto renega essa falta fálica em nome de um prazer de origem infantil.

O adulto deseja ser penetrado eroticamente, outra vez, por aquela que o seduziu através do suposto falo. Pommier (1996) afirma que, apesar do sintoma da perversão se caracterizar como uma resistência à castração, e nesse caso podemos relacionar ao conceito de castração do Outro, imposta sobre o corpo e não sobre o pênis, ele também é investido de *Eros*.“ Há uma visitação do corpo do Eros, que lhe traz a guerra, no duplo sentido do excitante sofrimento que provoca e da demonstração da impotência do homem para lhe fornecer o amor que lhe é pedido.” (POMMIER, 1996, pag.73).

Para McDougall (1993), o perverso é caracterizado por um empobrecimento do leque de fantasias e possibilidades de satisfação do seu desejo. Entretanto, seus mecanismos de recalçamento não se tornam eficazes quanto a proibição da vivência desse gozo mesmo que seja no âmbito da fantasia. Desta forma, aquele que possui como fetiche o desejo no corpo materno, busca possuir o corpo genitor na fantasia como forma de sobreviver a um horror que lhe é imposto: o horror da castração. Essa relação é ambivalente, pois circunscreve as fronteiras entre o prazer e a culpa.

Para o indivíduo, assim como no pré- Édipo, o gozo incestuoso apresenta uma ambivalência mortífera: é um gozo fálico, porém um gozo impossibilitado de sua realização plena por conta das leis de manutenção da ordem social. Ao mesmo tempo que traz o prazer no corpo materno, o incesto leva o seu praticante ao sentimento mortífero da culpa que é desejar eroticamente aquela que o

⁴ Jaques Lacan (1901 - 1981) psicanalista francês.

gerou. Esse gozo se torna mortífero e investidor de sofrimento, pois a necessidade de vivenciá-lo e as interdições sociais obrigam o sujeito a se isolar em uma busca insaciável de formas de alimentar seu desejo e, conseqüentemente, seu sintoma, sem transgredir do campo da fantasia à realidade, seu fetiche sexual.

O sujeito é servo de um desejo que o corrompe pela fantasia e o corrói pela culpa. É bem verdade que as interdições ao incesto devem ser efetivadas, contudo esse desejo não se encontra no âmbito das monstruosidades ou das práticas sexuais abomináveis, mas está na constituição psíquica e sexual dos seres humanos em geral. Seja consciente e principalmente inconscientemente a fantasia faz parte da constituição de nossa subjetividade. O fetiche do incesto, ou seja a fantasia do adulto, coloca-se entre o sujeito que renega a castração e o seu gozo sexual, sendo a única forma de obtenção de prazer. Escravizando, assim, através da necessidade e da culpa, aquele que pratica sua sexualidade pelo viés incestuoso. Na próxima seção, desenvolveremos uma análise de uma narrativa nos moldes do gênero HQ, no qual o *corpus* encena uma das mais primitivas e veladas fantasias do Ser humano: o incesto.

4- O gozo incestuoso: a cena primitiva e a perversão.

A literatura clássica e a psicanálise estão imbricadas através das relações existentes entre os personagens daquela e exemplificações de conceitos desta. *Édipo rei*, de Sófocles é um exemplo disso. Essa tragédia grega encena o fatídico destino que leva o rei Édipo a matar seu pai e tomar sua mãe como esposa. O horror à cena incestuosa fica evidenciado na atitude do líder de Tebas: o rei tebano se pune, cegando-se impiedosamente.

Freud em seu texto *O estranho* (1919), argumenta que aquilo que nos parece estranho, ou fora do comum, na realidade nada mais é do que algo familiar. Ou seja, algo conhecido, vivenciado mesmo que inconscientemente, porém esquecido por conta do processo de recalçamento. Logo, aquilo que nos inquieta, apenas consegue tal catarse, pois, é algo conhecido. Não estranho. Mas que foi submetido ao processo de recalque. O mesmo ocorre quando tratamos do tema do incesto. Pois, este não se encontra no âmbito das particularidades, como já explicitamos neste trabalho, mas no amplo campo da generalidade dos desenvolvimentos humano, psíquico e sexual. Metaforicamente, temos as reações de Édipo, apenas, e, somente, porque reconhecemos inconscientemente a experiência deste processo. A primeira cena de Hq que analisaremos é a referida capa da revista em quadrinhos intitulada. *The sin's son: coming son*. Vejamos a seguir:



Fig. (1) capa da Hq *The sin's son: coming son*. Disponível em <http://maniacosporsexo.com/the-sins-son-os-simpsons-sexo-mae-e-filho/> acessado em 23/10/2016.

Em seus trabalhos *os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e *A organização genital infantil* (1923), Sigmund Freud teoriza a respeito das especulações feitas pela criança do sexo masculino de que todos são possuidores de um pênis. Inclusive a mãe. O referido *corpus* sublima de forma lúdica, contudo erótica, essa busca da criança pelo falo materno. Como podemos constatar na imagem acima, na qual o personagem Barth observa a genitália de sua genitora.

A criança, segundo Freud, não se encontra, nesse período, submissa ao horror da diferenciação dos sexos. Ela possui um pênis e sua mãe, como todas as mulheres, também possui. Está lá. Basta encontra-lo. De acordo com a teoria freudiana sobre as perversões, durante seu desenvolvimento psicosexual, a criança se confronta com a constatação de que a genitora não é detentora de um falo. Logo isso significa a destruição de sua própria identidade como Ser.

Todavia vale salientar que a fixação em um período pré genital, fase de desenvolvimento psíquico e sexual não subjugada ao reconhecimento das diferenciações e organizações genitais, é a origem das perversões. Sendo assim Vallas aponta:

Acontece que alguns sujeitos, ao tomarem conhecimento da realidade de sua percepção, a saber, que a mãe é castrada, diante do horror e da angústia de sua própria castração que neles suscita esta descoberta, recusam-se a admiti-la. Assim, persistem em manter a mãe como se tivesse um pênis oculto, (...) Como diz Freud,

nesta percepção da realidade, “não é justo dizer que a criança que observou uma mulher tenha conservado sem modificações sua crença de que ela tenha um falo: ela conserva e ao mesmo tempo abandona essa crença”. (VALLAS, 1990, pag. 91)

Ao leitor é oferecido pelo *copus*, o gozo desse retorno à fase pré-genital. O adulto, que outrora, na fase infantil, não suportou o horror da castração materna, busca inconscientemente, encontrar ou reafirmar a certeza da existência de uma mãe fálicizada. O falo que supostamente foi negado na infância, ganha contornos no campo da fantasia. O fantasma da mãe fálica é revivido através de personagens (Marge e Barth) que ganham sentido por conta do conhecimento do leitor da relação mãe/filho entre ambos e, por outro lado, fazem parte do imaginário infantil do mesmo.

Na ilustração o filho (Barth) vai de encontro com a interdição imposta pelos valores morais e culturais e observa o órgão genital materno de forma prazerosa e que leva o leitor a se identificar com o referido personagem, uma vez que no campo da fantasia, Barth nada mais é do que a representação do desejo do sujeito. Nessa perspectiva, o gênero em estudo oferece aquele que ler um refúgio contra a monstruosidade da falta fálica do Outro que, conseqüentemente, significa sua própria castração. Vejamos na cena seguinte mais algumas relações edípicas entre os personagens em questão:



Fig. (2) capa da Hq *The sin's son: coming son*. Disp. em

<http://maniacosporsexo.com/the-sins-son-os-simpsons-sexo-mae-e-filho/acessado em>

23/10/2016

A narrativa do texto tem sua origem a partir de uma viagem feita pelo pai de Barth e esposo de Marge, Homer Simpson. Após precisar passar alguns dias fora, o chefe da família *Simpsons* deixa sua esposa e filhos a sós em casa. Como um dia qualquer, Marge realiza a faxina da casa e depois de terminar, decide tomar um banho, neste tem um momento de excitação, o que a faz sentir a falta do marido. O filho, por sua vez, encontra-se na escola, mas por precisar ir em casa fora do horário de rotina, encontra a mãe em trajes íntimos na porta do quarto dos pais.

O mais significativo nessa passagem são os discursos dos personagens. Observemos que Barth, alicerçado na função do pai, assume o lugar deste. Sendo assim o “homem da casa” e responsável por assumir a lei paterna. Por seguinte, Marge não refuta tal situação, pelo contrário, reafirma o filho na função que outrora era exercida pelo marido.

Thorstensem (2012) faz uso de neologismos derivados do termo incesto para conceituar a forma pela qual a sexualidade circula e é vivenciada na família. Essa vivência não diz respeito ao ato sexual consumado, mas às relações tríades entre pai, mãe e filho próprias do Édipo. Esses termos são incestualidade e incestual. A referida autora faz reflexões acerca da análise de uma família, ficticiamente chamada de Zadoni, que estaria passando por um processo de incestualidade aprisionadora, assim definida pela a autora como sendo algo imbrincado a um *pathos* familiar e, desta forma, contrapondo-se a incestualidade necessária, processo reconhecido na psicanálise como Édipo.

Esse *pathos* da sexualidade incestuosa na família analisanda se baseia na disfunção dos papéis exercidos pelos membros da família e que resulta na ascensão do filho a função e detentor da lei do pai. Ou seja, temos aqui um pai que se caracteriza como ausente ou impotente. Consequentemente, a figura materna reafirma essa posição paterna debilitada através da ratificação da ocupação da função do pai (esposo) por parte do filho. Sobre esse conflito de funções na família incestuosa, Garcia, assim, posiciona-se:

Uma característica muito comum presente nas famílias incestuosas é a confusão de funções familiares revelada por uma perda de assimetria nas relações intrafamiliares e no conseqüente esvaecimento da organização hierarquia do grupo familiar. Desta confusão, podem aparecer transtornos que muitas vezes parecem comprometer a adequação ao princípio de realidade para estas pessoas. Talvez o traumático presente na dinâmica incestuosa contribua para que a noção de realidade fique comprometida, propiciando uma sensação de sentir-se confuso com relação aos fatos concretos e sua relação temporal. (GARCIA, 2004, pag. 66)

Sobre esse processo de interdito do desejo incestuoso, Lacan define as função dos membros na família:

Pai é aquele que possui a mãe, que a possui como pai, com seu verdadeiro pênis (...) É preciso que o verdadeiro pênis, o pênis real, o pênis válido, o pênis do pai funcione, por um lado. É preciso, por outro lado, que o pênis que se situa comparativamente ao primeiro(...) reúna-se à função, sua realidade, sua dignidade. E para fazer isso é preciso que haja passagem por essa anulação que se chama o complexo de castração. Em outras palavras é na medida que seu próprio pênis é momentaneamente aniquilado que à criança é prometida mais tarde ter acesso a uma plena função paterna, isso é, alguém que se sinta legitimamente de posse de sua virilidade. (LACAN *Apud* THORSTENSEM, 2012, pag. 65).

Por conseguinte, McDougall (1990) observa, através de suas analisandas – são mulheres lésbicas- que a perversão é caracteriza por um discurso de exaltação da figura materna. “O pai ao contrario quando não se encontrava totalmente ausente do discurso analítico, era descrito como passivo ou violento, grosseiro ou hiperintelectual, brutal ou insulso, em fim, de uma maneira ou de outra, tratava-se de uma imago denegrada.” (MCDUGALL, 1983, pag. 35). Desta maneira o que constatamos na passagem do corpus, configura-se como uma imagem paterna desprovida do poder de sua lei. Tanto por conta de uma pai considerado incapaz de exercer sua função, como por uma mãe que desconhece o marido como detentor do falo que lhe satisfaz.

O fragmento a ser analisado a seguir, de forma clara, evoca a teoria da sexualidade freudiana. É pela fantasia onírica do incesto que nos constituímos psiquicamente. A figura materna é o primeiro Outro que nos leva a introjeção da sexualidade. Nessa fantasia, sonhamos aquilo que não podemos ter na realidade. Vejamos o fragmento que exemplifica esse aspecto da sexualidade infantil:



Fig. (3) pag.16 da Hq *The sin's son: coming son*.
Disponível em <http://maniacosporsexo.com/the-sins-son-os-simpsons-sexo-mae-e-filho/> acessado em 23/10/2016.

Na passagem do corpus explicitada, Barth confessa à mãe que fomentava a tempos fantasias incestuosas com a mesma. Esse discurso do personagem, mais uma vez, leva o leitor a se identificar com Barth. Ainda no fragmento acima, a mãe afirma ao filho que não precisa mais se masturbar para ela, uma vez que ele venceu a disputa com o pai e se tornou o “homem da casa”. O pênis do filho ocupa a função e posição do pênis paterno. O totem paterno fragilizado e substituído pelo pênis do filho que, conseqüentemente, trona-se o falo materno.

Considerações finais:

O *corpus* é caracterizado por seu aspecto híbrido entre o texto escrito e imagético. Esse aspecto conduz o leitor a uma busca incessante e obsessiva, porém nunca saciável, de um gozo, que circunscreve as antítese entre a vida e morte; prazer e dor; satisfação sexual e culpa. Pois a impossibilidade da vivência desse prazer na realidade, faz com que o sujeito esteja, incansavelmente, buscando novos textos e narrativas para atenuar seus desejos. Logo, se a fantasia traz uma satisfação momentânea ela também o aprisiona em uma solidão e um consumo frenético desses matérias. Restando apenas na masturbação a forma única de canalização do desejo.

Os efeitos de gozo proporcionados pela referida obra ao leitor, tornam-se eficazes através de uma identificação deste com o personagem Barth *Simpsons*. Assim como o citado personagem na obra, o leitor busca a negação inconsciente da castração do Outro (mãe fálica de seus fantasmas infantis) e a castração de si mesmo frente à lei paterna. Obviamente, esses personagens estarem ligados às lembranças da infância do sujeito corroboram para uma intensificação dos efeitos eróticos/pornográficos da obra sobre aquele que lê.

Mesmo sabendo que o incesto é, por excelência, a origem da sexualidade e da *psique* humana, ressaltamos que os interditos sociais do desejo incestuoso devem ser instaurados para a conservação da organização e manutenção da sociedade. Todavia, observamos que, atualmente as funções edipianas: mãe, filhos, pai se encontram deturpadas/fragilizadas no tocante aos papéis que cada uma deve ou deveria desempenhar nessa relação tríade.

Ressaltamos que, nesse sentido as funções citadas não estão no âmbito biológico, mas na abrangência da cultura em que os indivíduos estão inseridos. A fragilização dessas funções edipianas resulta em implicações no sujeito: uma deficiência na capacidade de se auto reconhecer, ou seja, construir uma identidade subjetiva própria o que, conseqüentemente resulta em uma sexualidade deturpada.

Contudo, observamos que, apesar do Horror declarado ao incesto, o Édipo se encontra cada vez menos interditado, haja vista o próprio suporte de circulação da obra em estudo: o texto se encontra disponível na internet. Ou seja, apesar de uma repreensão incontestável a prática incestuosa, as HQ's circulam, mesmo às escondidas, para satisfazer aqueles que renegam “as castrações” psíquicas e sociais.

Referências:

MCDUGALL, Joyce. **Em defesa de uma certa anormalidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

NASIO, J-D. **Édipo, o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2005.

OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier de. **A arte dos quadrinhos e o literário: a contribuição do diálogo entre o Verbal e o Visual para a produção e renovação dos modelos clássicos da cultura**. São Paulo (2008).

PEREIRA, Priscila. **As histórias em quadrinhos e os historiadores: embates e perspectivas de aproximações**. Campinas, São Paulo (2009).

POMMIER, Gerard. **A ordem sexual: desejo e gozo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1992.

POMMIER, Gerard. **Do bom uso erótico da cólera**. Rio de Janeiro Jorge Zahar Ed, 1996.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de Psicanálise**. Jorge Zahar Ed, 1998.

THORSTENSEN, Sonia. **Incestualidade: um *pathos* familiar**. São Paulo, Casa do Psicólogo Ed, 2012.

_____ **The sin's son**: Disponível em /<http://maniacosporsexo.com/the-sins-son-os-simpsons-sexo-mae-e-filho/> acessado em 23/10/2016.

VALLAS, Patrick. **Freud e a Perversão**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1990.